

humanitas

Vol. XXIX-XXX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXIX-XXX



COIMBRA

MCMLXXVII-MCMLXXVIII

Sophisten und in der stoischen-hellenistischen Zeit, de P. Gentinetta (1961); *Priscians Partitiones und ihre Stellung in der Spätantikes Schule* de Manfred Gluck (1967); *Linguistica e Stilistica di Aristotele* de Morpurgo-Tagliabue (1967) ou *Die Entwicklung der Sprachtheorie in Mittelalter* de Pindborg (1967).

O que mais se estranha é a ausência de um instrumento certamente indispensável, como seja a *History of Classical Scholarship* de Pfeiffer (1968). Do mesmo modo, seria de esperar, uma vez citado o artigo de Vincenzo de Benedetto — «Dionisio Trace e la Tchne a lui attribuita» in *An. Sc. Norm. Sup. Pisa* 37 (1958) 169-210 e 38 (1959) 87-118, ensaio que levanta problemas radicais na história dos conceitos gramaticais gregos, que a questão fosse de alguma sorte investigada, até porque no período dos anos 60 se intensifica a polémica a tal respeito levantada, como o testemunha, por ex., a obra de Pfeiffer já referida.

As lacunas aqui assinaladas não atingem o especial e particular interesse que a obra francamente oferece. Por tudo aquilo que sugere, pelos temas aflorados, pela importância que confere à Gramática no âmbito mais largo da Filologia ou da Linguística, possuí ainda o mérito de chamar a atenção para a necessidade crescente de uma exaustiva História da Gramática Antiga, ...exactamente como o desejava Kretschmer, há uns bons cinquenta anos, quando escrevia: «Wir brauchen eine ausführliche und eindringende Geschichte des antiken Grammatik» (*Die Sprache*, in *Einleit. in die Altertv.* pág. 11).

MANUEL SARAIVA BARRETO

MARINO BARCHIESI, **La Tarentilla rivisitata: studi su Nevio comico**,
Università degli studi di Pisa, Istituti per le scienze dell'antichità,
«Biblioteca degli studi classici e orientali 12», Pisa, Giardini
editori e stampatori, 1978, pp. 171.

Si tratta di una ricerca restata purtroppo inedita a causa della morte prematura de ll'A., e pubblicata a cura di Alessandro Barchiesi e di Gioachino Chiarini. Il lavoro è articolato in otto capitoli, dedicati — nell'ordine — all'esegesi grammaticale letteraria ed interpretativa del frammento 1 R. (capp. 1-5), di quello assai studiato e notevolmente più famoso relativo alla figura della Tarentilla (fr. II R.), e ad una riproposizione del fr. XV R. Con riferimento al primo problema l'A. propone originalmente che i versi *quae ego in theatro hic meis probavi plausibus | ea non audere quemquam regem rumpere: | quanto libertatem hanc hic superet servitus!* si debbano riferire al poeta-attore che ottiene plauso per se stesso grazie agli assensi degli spettatori, plauso che diventa così «suo». Ovviamente — con la consueta acribia — l'A. ha studiato tutte le possibilità di interpretazione antecedenti (i due Mueller, Ribbeck, ...), ed ha dedicato altresì numerosi paralleli con Plauto nonché un notevole *excursus* sull'infinito esclamativo. Interesserà il lettore appassionato di storia della filologia europea la splendida trattazione dedicata al celeberrimo fr. II R., argomento per cui il Barchiesi giunge a compiere autentiche riscoperte di interpre-

tazioni *ante litteram* (soprattutto metriche) per quanto riguarda alcuni studiosi italo-spagnoli del XVI^o secolo. Ed infine si cerca di provare che il supposto sintagma in *Tarentilla Pacuvi eqs.* in realtà sarebbe da emendare così: *in Tarentilla praelucidum* (o meglio: *pellucidum / perlucidum*).

La competenza de ll'A. si evidenzia pagina per pagina, con *renvois* a letterature moderne ed a problemi anche di taglio spiccatamente teatrale; la lettura è poi resa ancora più gradita ed affascinante dallo stile poeticamente accurato e — al tempo stesso — schivo, essenzialmente all'inglese, con rinvio a pochi ma essenziali testi per importanza ed influenza. Spiccano le ipotesi — quasi sempre plausibili — di una mente che si è proposta una rielaborazione minuziosa e particolarissima.

Allo specialista di commedia romana interesserà altresì — aspetto non ultimo — il ricorso de ll'A. all'ormai irreperibile J. M. Reinkers, *Über den accusativus cum infinitivo bei Plautus und Terentius*, I. Teil, «Jahresbericht über das Königlich Gymnasium zu Düsseldorf für das Schuljahr 1886-87». Vada infine un ringraziamento ai due curatori, che hanno voluto offrire questa ultima fatica di M. B. senza lasciare trascorrere un eccessivo lasso di tempo dalla stesura originaria (1974).

FURIO MURRU

GIULIA PICCALUGA, *Minutal*. Saggi di storia delle religioni, Roma, Edizioni dell' Ateneo, 1974. 170 pp.

— **Terminus. I segni de confine nella religione romana**, Roma, Edizioni dell' Ateneo, 1974. 351 pp.

Conforme se lê na «Premessa» do segundo destes livros a autora utiliza o método comparativo-religioso e da análise estruturalista (p. 12). A este propósito aproveito para deixar já aqui um reparo que um e outro livro me merecem: o facto de nos apresentar uma história das religiões um tanto afastada das contingências históricas. De facto, tenta a autora apreender o significado de uma figura mítica pela colação e síntese das variantes de qualquer época indistintamente. Ora, sendo o mito, sobretudo na Grécia, um veículo vivo e em mutação de diferentes ideias em diferentes épocas, parece-me errado não o interpretar, sempre que possível, de acordo com o contexto histórico e as circunstâncias epocais.

O primeiro livro, como o próprio título sugere (*minutal*, vocábulo latino que o encabeça, significa «coisa pequena», «picado de carne»), é uma colectânea de sete artigos de assuntos diversos, ligados apenas pelo fio condutor (bem fraco, diga-se a verdade) de «l'interesse, da parte di chi scrive, per la storia delle religioni, in specie per il mito», para utilizar as palavras da autora na «Avvertenza» (p. 7). Apesar de não trazerem nada de verdadeiramente original e de as conclusões não aparecerem bem nítidas em alguns artigos, neles são analisados temas míticos a que subjaz geralmente um significado social. Em «La ventura di amare una divinità» (pp. 9-35), foca os riscos que acarreta a um mortal amar uma divindade ou ser por ela amado